

A literatura latino-americana, entre o fantástico e a crítica

A América surge de uma combinação poderosa de ciência, ambição comercial e política, acaso e imaginação. Com o novo conhecimento astronômico e náutico, com a cobiça de reis e mercadores por especiarias e bens exóticos, com o sopro caprichoso dos ventos e com uma invejável capacidade de interpretar a história com imaginação heroica, produziram-se as rotas e os relatos com que se formou a América. Desde o princípio, um jogo ambíguo presidiu o continente e suas relações com as metrópoles europeias. De um lado, o fato histórico de que os colonizadores, que dominaram indígenas e seus territórios, eram de procedência europeia. Por outro lado, aos poucos surgem interesses divergentes e, logo, desejos, linguagens e criadores prontos para se assumir em sua americanidade. **O desenvolvimento da identidade americana é um dos principais fatos da idade moderna e significa um dos maiores desafios já apresentados à imaginação criativa.**

O desejo e o desafio de criar a América forma a literatura deste continente em mais de cinco séculos. As cartas dos primeiros exploradores, repletas de fascínio e imaginação, contém os condimentos básicos com que se desenvolve nossa literatura.

Todavia, o processo é extenso e complexo. Por muito tempo, os autores locais refletiram os estilos praticados na Europa, gerando boa literatura local, porém com linguagens dependentes de uma história distante, europeia. Para reagir a esta vinculação, muitos autores buscaram em temas regionais a identidade e a diferença face ao Velho Mundo. O apogeu disto está em José de Alencar (1829-1877), cuja obra integra o índio na ideia de uma identidade nacional. O grande passo, porém, ocorreu quando escritores de grande talento artístico assumiram sua originalidade e criaram obras transformadoras. Desponta a literatura de Machado de Assis, até hoje consagrado como divisor de águas e letras (1839-1908). No século XX, com muitas nações em franco desenvolvimento, **a América torna-se cenário de uma nova escrita.** À margem do romance tradicional, que persiste em todo o mundo, a literatura americana realizou (e realiza) duas vocações: o **realismo fantástico**, em que a narração não hesita em relatar com naturalidade situações impossíveis, e o **espírito crítico**, sensível às violências que formaram a América e ainda a perturbam.

A literatura de Mário Vargas Llosa é um exemplar desenvolvido de toda a história da América e do apogeu de sua criação literária. Ao trazê-lo a Porto Alegre, o projeto *Fronteiras do Pensamento* ajuda a pensarmos a americanidade, em seu melhor elemento, e a dialogar com ele, entre o passado e o futuro de nossa cultura. A você, que passa boa parte de sua vida atual em salas de aula, a literatura é um caminho prazeroso para abrimos janelas imediatas, melhores do que aquelas dos computadores, pois mesmo quando falta luz elas podem iluminar com suas imagens e pensamentos. O convite, aqui, é para encontrarmos essas visões da América e nos imaginarmos, como autores, neste cenário de conhecimento e imaginação.



Os descobrimentos

Um estranho (des)encontro

Quando os europeus chegaram, o continente que hoje chamamos de **América** era ocupado há milhares de anos por uma grande e variada população indígena, os **ameríndios**. **Este primeiro contato entre os europeus e as populações nativas foi marcado pelo estranhamento**. Durante séculos, cada um desses povos havia desenvolvido sua própria história e cultura, criando diferentes maneiras de viver e pensar. Para os europeus, ver homens e mulheres nus era tão diferente quanto para os índios ver aquela gente toda usando roupas, barba e montando animais desconhecidos, já que na América não havia cavalos.

Por sua vez, a cobiça pelo ouro – tão natural para os europeus – era incompreensível para os ameríndios. “O ouro é excelentíssimo. Do ouro se faz tesouro e, com ele, quem o tem, faz

tudo o que quiser no mundo até chegar ao que leva as almas ao Paraíso.”, **Cristóvão Colombo** (1451-1506). Para os conquistadores, o ouro, além de representar riqueza material, era percebido como um símbolo de prestígio e poder, supostamente dotado de propriedades mágicas, representando a luz divina. Na concepção da época, a descoberta do **Novo Mundo** era percebida como o encontro com o reino dourado, o paraíso perdido. Tais acontecimentos, conforme alguns historiadores, marcam o início da **Época**

Moderna. **A partir de 1492, ano da descoberta da América por Cristóvão Colombo, alargavam-se as fronteiras do mundo.**

A América, nosso continente, é o produto histórico desse violento encontro entre tão diferentes culturas.

A Europa de Cristóvão Colombo

No século XV, as nações europeias se lançaram a grandes aventuras, em especial espanhóis e portugueses, interessados pela atividade mercantil e com desenvolvidos conhecimentos de navegação. Tanto o descobrimento da América, em 1492, quanto o do Brasil, em 1500, estão ligados à expansão comercial europeia do final da Idade Média. Em 1453, os turcos tomaram **Constantinopla** e bloquearam o comércio europeu com as Índias pelo mar Mediterrâneo. **Isso acelerou a procura de caminhos alternativos àqueles que vinham sendo utilizados desde a Antiguidade.**

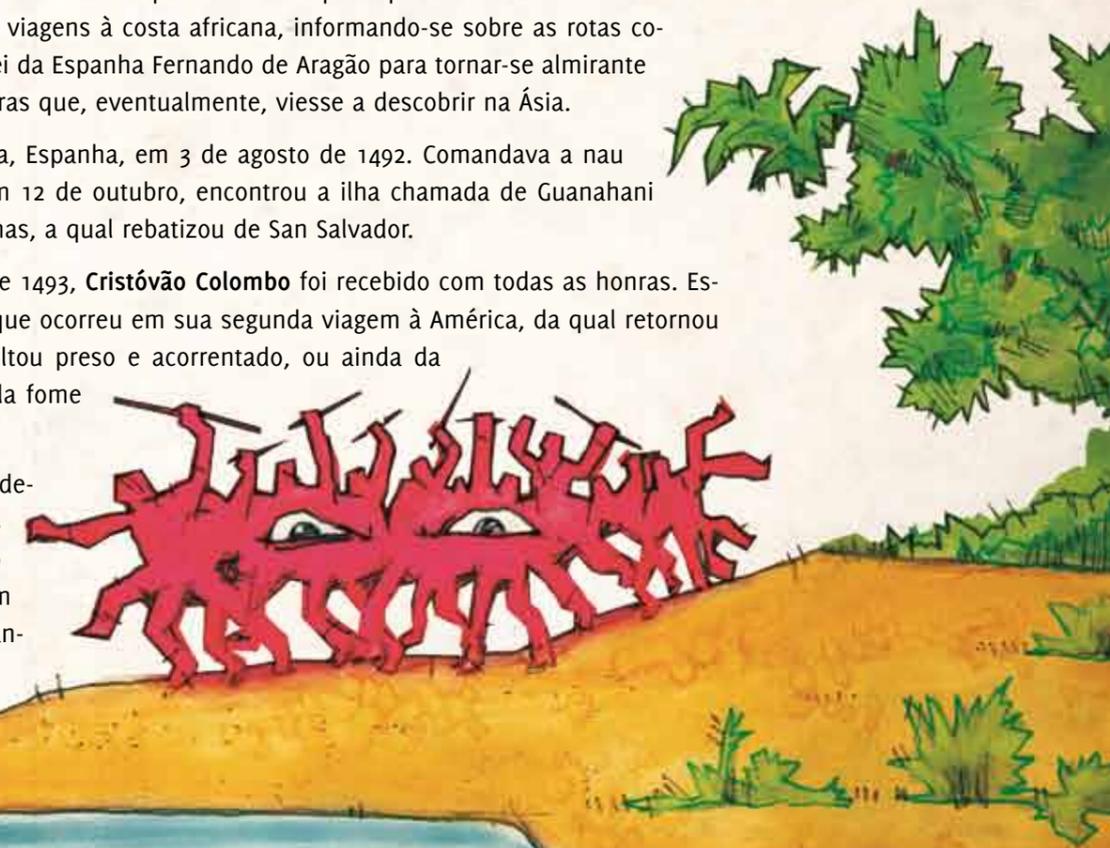
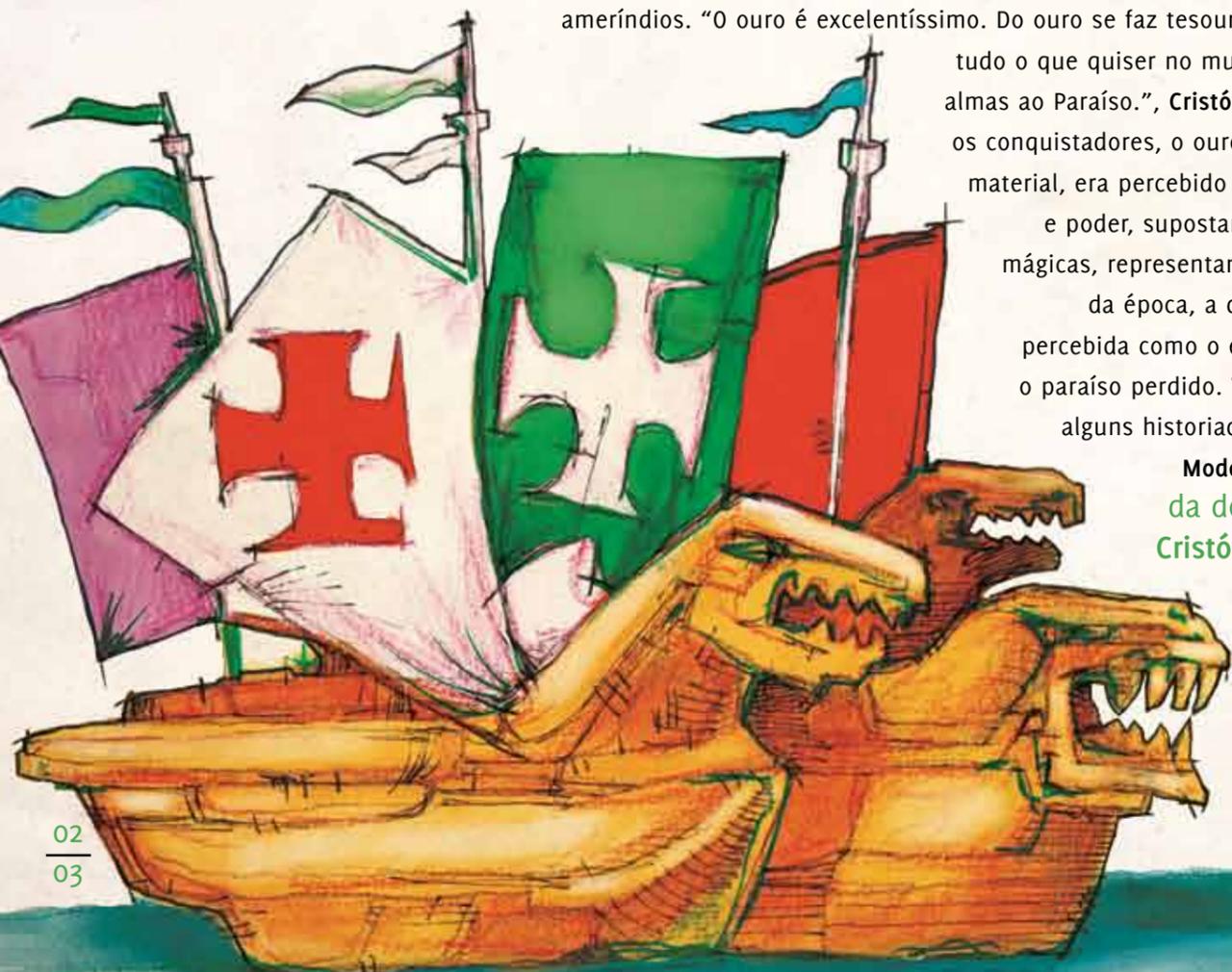
A Europa vivia o **Renascimento** (XIII-XVI), movimento cultural, técnico e científico. A cartografia passava por um grande desenvolvimento, revelando, inclusive, o verdadeiro tamanho da Terra. O aperfeiçoamento da náutica, a utilização da bússola e do astrolábio, o desenvolvimento da astronomia e o surgimento de novas embarcações como a caravela, tudo isso contribuiu decisivamente para a expansão da mentalidade da época. A ideia da Terra esférica já era evidente para esses viajantes.

Cristóvão Colombo era genovês, mas conhecia muito bem os países ibéricos por representar uma rica família em negociações comerciais. Em 1479, **Colombo** fez viagens à costa africana, informando-se sobre as rotas comerciais. E, em 1492, assinou contrato com o rei da Espanha Fernando de Aragão para tornar-se almirante dos mares, vice-rei e governador das novas terras que, eventualmente, viesse a descobrir na Ásia.

Colombo deixou o porto de Palos, na Andaluzia, Espanha, em 3 de agosto de 1492. Comandava a nau **Santa Maria** e duas caravelas, **Pinta** e **Niña**. Em 12 de outubro, encontrou a ilha chamada de Guanahani pelos índios lucaios, no arquipélago das Bahamas, a qual rebatizou de San Salvador.

Em seu regresso à Espanha, em 15 de março de 1493, **Cristóvão Colombo** foi recebido com todas as honras. Estava no apogeu de sua glória, ao contrário do que ocorreu em sua segunda viagem à América, da qual retornou cansado e doente, ou da terceira, em que voltou preso e acorrentado, ou ainda da quarta, na qual sua tripulação foi assolada pela fome e por doenças.

Colombo não deixou de navegar nem mesmo depois de morto. Suas cinzas foram transferidas da Espanha para Cuba, e colocadas no centro da capital Havana. Posteriormente, acabaram doadas à República Dominicana, mas foram mandadas de volta à Espanha, estando hoje na catedral de Giralda, em Sevilha.



Os diários de viagem: a América pelos europeus



Entre tantos diários de viagens da época, estão os escritos de **Cristóvão Colombo** relativos às suas quatro viagens; as cartas de **Américo Vespúcio** (1454-1512); a carta de **Pero Vaz de Caminha** (1450-1500) sobre a imensa ilha de Santa Cruz; e a carta-relatório de **Alvar Núñez Cabeza de Vaca** (1490-1557).

Essas narrativas acrescentaram ao imaginário do Ocidente a dimensão do maravilhoso. No final do século XV, os viajantes que retornavam à Europa, da costa da África e de algumas ilhas do oceano Atlântico, consideravam-se sobreviventes e vencedores. Suas palavras ilustravam uma história repleta de perigos iminentes como: tempestades, monstros marinhos, ameaças de naufrágio, fome, doenças, água salobra, guerras e mortes.

Os dados levantados por **Américo Vespúcio** traziam revelações surpreendentes sobre os nativos e sua cultura: a habilidade dos índios como exímios corredores e nadadores, a descrição de inusitados tipos de armas, as táticas de guerra e seus comportamentos durante os confrontos. Comentava, ainda, sobre o asseio exagerado, lavavam-se diversas vezes ao dia. O livreto, vendido em feiras e portas de igrejas, transformou-se em um sucesso editorial, traduzido para várias línguas.

Sobre o material do viajante, analisava **Oswald de Andrade** (1890-1954): “O êxito das cartas de Vespúcio não foi unicamente um êxito de divulgação. Foram essas pequenas imagens do mundo novo que desencadearam um movimento intelectual de primeira ordem. Foram elas que criaram as utopias. Abria-se, enfim, um horizonte para o homem europeu, confinado na terra plana e imóvel entre o céu e o inferno. Havia do outro lado do mundo terras novas, onde habitava um homem diferente”.

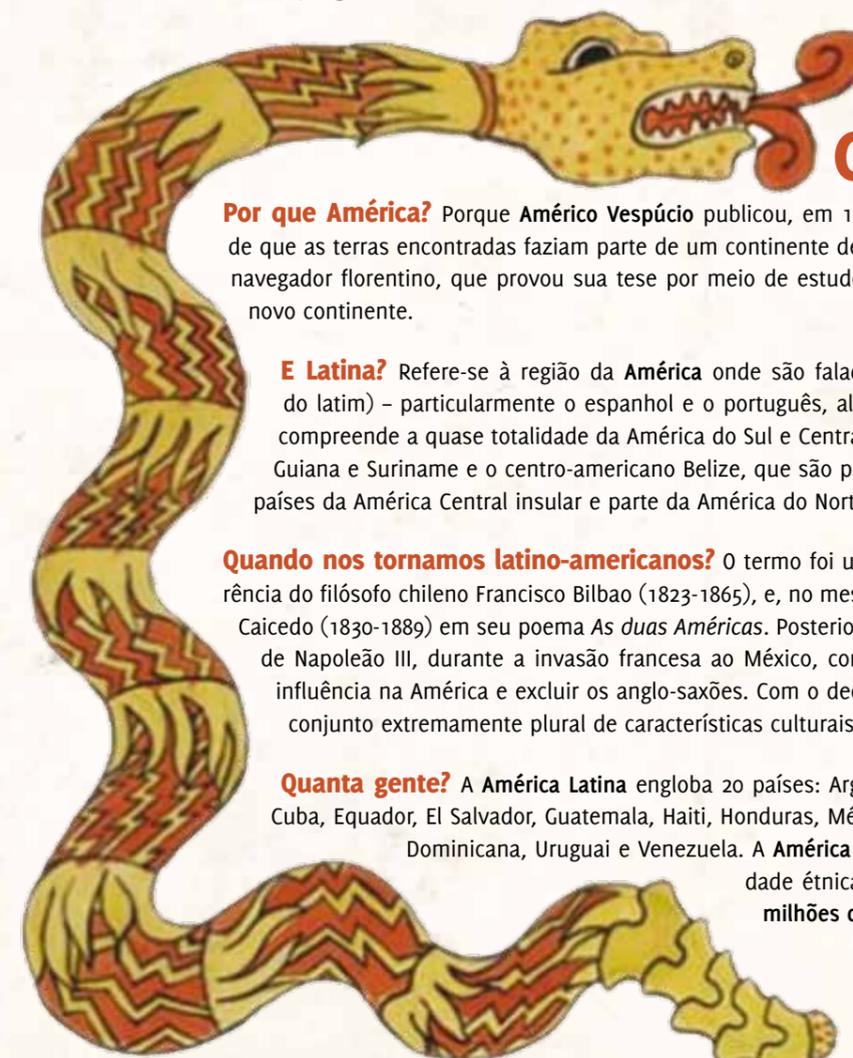
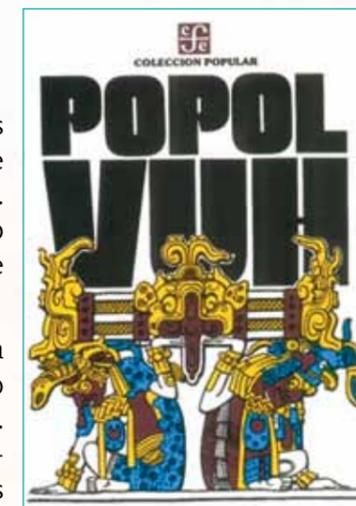
Pero Vaz de Caminha descrevia os índios através das suas próprias impressões, marcadas por uma mescla de sentimentos: o de admiração, pelos rostos e corpos bem feitos; e o de espanto, por vê-los despídos e destituídos da vergonha. Embora os portugueses manifestassem seu encantamento diante da beleza da nudez dos corpos, tal comportamento evidenciava a urgência de catequizá-los.

Alvar Núñez Cabeza de Vaca, ao relatar seu encontro com os índios, destacava o medo dos europeus diante deles, sentimento só superado a partir da atitude receptiva dos nativos diante das bugigangas. Essa aproximação é pensada como mais do que uma troca superficial, como uma atração dos índios pelo diferente e pelo universo do outro. Os índios retornavam ao encontro dos espanhóis por curiosidade, trazendo-lhes alimentos. Certa ocasião, os espanhóis, após comerem o alimento oferecido, rumam para a região costeira e sofrem um naufrágio. A sensibilidade dos índios *dakota*, perante a dor do outro, causou surpresa ao grupo. **Cabeza de Vaca** se mostrou dividido, ao tentar equacionar o ato do choro sentido dos índios com a imagem do índio estruturada pelo europeu. Ao lançar mão da caracterização “homens tão sem razão e tão crus”, afirma “se doíam tanto por nós”, fazendo um contraponto ao pensamento que tinham do índio como um ser destituído de alma. Ele se tornou governador do Rio da Prata.

O olhar dos nativos: Popol Vuh

Conhecido como *As antigas histórias do Quiché*, é o livro sagrado dos maias quichés da Guatemala. De autor anônimo, sua escrita original foi feita sobre a pele de um veado. É provável que tenha sido um manuscrito pictórico. Existe um grande debate sobre a natureza da sua existência, já que, quando da conquista espanhola, todos os livros encontrados foram sistematicamente queimados, com o argumento de que eram sacrílegos.

O livro é uma tentativa de explicar, simultaneamente, a origem do mundo, a história dos reis e dos povos da região. Alguns possíveis significados do título incluem “Livro da Comunidade”, “Livro do Comum”, ou “Livro do Conselho”. No **Popol Vuh**, os deuses criadores recorrem ao casal de adivinhos para realizar a criação, decidindo a sorte dos humanos que serão preparados por seus formadores e progenitores.



Como assim?

Por que América? Porque **Américo Vespúcio** publicou, em 1503, o livro *Novo Mundo*, em que defendia a ideia de que as terras encontradas faziam parte de um continente desconhecido, e não da Ásia. Em homenagem a esse navegador florentino, que provou sua tese por meio de estudos e viagens, é que se adotou o nome **América** ao novo continente.

E Latina? Refere-se à região da **América** onde são faladas primordialmente línguas românicas (derivadas do latim) – particularmente o espanhol e o português, além de ocasionalmente o francês. A **América Latina** compreende a quase totalidade da América do Sul e Central Continental, à exceção dos países sul-americanos Guiana e Suriname e o centro-americano Belize, que são países de língua germânica. Também engloba alguns países da América Central insular e parte da América do Norte.

Quando nos tornamos latino-americanos? O termo foi utilizado pela primeira vez em 1856, em uma conferência do filósofo chileno Francisco Bilbao (1823-1865), e, no mesmo ano, pelo escritor colombiano José María Torres Caicedo (1830-1889) em seu poema *As duas Américas*. Posteriormente, a expressão foi usada pelo Império Francês de Napoleão III, durante a invasão francesa ao México, como forma de incluir a França entre os países com influência na América e excluir os anglo-saxões. Com o decorrer do tempo, o termo evoluiu para designar um conjunto extremamente plural de características culturais, étnicas, políticas, sociais e econômicas.

Quanta gente? A **América Latina** engloba 20 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. A **América Latina**, atualmente, apresenta uma grande diversidade étnica, e sua população está estimada em mais de **570 milhões de habitantes**.

#Chilam Balam

Conjunto de nove manuscritos maias contendo textos que tratam de história, astrologia e medicina, apresentando uma fusão das tradições maias e espanholas.

#Cantos de Tzibalcché

Livro descoberto na cidade de Tzibalcché, México, que fala de práticas rituais e do desenvolvimento da visão cosmológica da época.

#Leis das Índias (1680)

Conjunto de leis vindas da Espanha para regular a vida social, econômica e política nos territórios americanos da Monarquia Hispânica e colocar os indígenas sob a proteção da Coroa Espanhola.

#Fray Bartolomé de Las Casas (1484-1566)

Padre Dominicano que testemunhou os maus tratos aos nativos americanos pelos colonizadores espanhóis. Tornou-se defensor dos direitos dos indígenas e, posteriormente, dos escravos africanos.

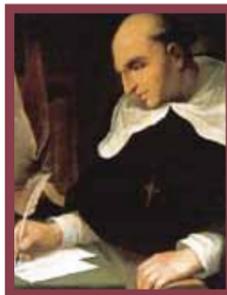
A História Literária Cultural

A primeira literatura: época pré-colombiana

Antes da chegada dos europeus ao território que viria a ser a América, já existiam diversas outras civilizações. Desde a metade do primeiro milênio, os maias construía cidades onde hoje é a Guatemala, Honduras, El Salvador e México. Essas civilizações não possuíam alfabetos em sentido estrito, mas tinham desenvolvido outras formas de comunicação através de um sistema de representação visual, a partir de pictogramas ideológicos e parcialmente fonéticos. Existem centenas de inscrições históricas em pedras, vasos de cerâmica e objetos, muitas delas ainda do período clássico (300-960), além de alguns livros com pinturas e pictogramas com temas religiosos e astrológicos. Posteriormente, os europeus transcreveram alfabeticamente muitos destes textos. Além do *Popol Vuh*, dos quichés, estão os livros dos *Chilam Balam*, que incluem profecias, poemas e narrações; assim como os *Cantos de Tzibalcché*, com profundas e belas expressões.

A América colonial

O século XVI foi um período marcado por contrastes e violência. Mas a autocritica também se fez presente no caso das *Leis das Índias* e dos escritos de *Fray Bartolomé de Las Casas*. A literatura deste período foi enriquecida pelos relatos dos conquistadores sobre suas aventuras no Novo Mundo, uma literatura de testemunho. Na época, a educação era restrita a poucos grupos e os livros, praticamente, inexistentes.



O continente barroco

Período compreendido entre o final do século XVI e meados do século XVII. Nesta etapa, a característica da literatura latino-americana era o uso de recursos estilísticos complexos e jogos de palavras, como também uma contínua busca pela novidade e o extraordinário, em estilo repleto de contrastes, o gosto pela dificuldade é vinculado à ideia de que nada é estável.

Os principais escritores deste período são *Juana Inés de La Cruz*, *Juan de Espinosa Medrano* e *Juan Ruiz de Alarcón*.



O Romantismo

Período entre os séculos XVIII e XIX, caracterizado pela entrega à imaginação e à subjetividade, à liberdade de pensamento e de expressão, bem como de idealização da natureza.

Com o levante popular de 1780 no Peru, liderado pelo descendente do antigo império inca *Túpac Amaru II* (1742-1781), teve início um movimento de independência na América Latina, que levou à emancipação do Peru, Argentina, Nova Granada e México. Foi também a época do ideal bolivariano de unificação, liderado por *Simon Bolívar*, com a formação da Grande Colômbia, e de várias tentativas falidas de independência nos países da América Central.

Entre os autores desta época *Andrés Bello* (1781-1865), que utilizava ainda recursos do barroco, cantando a natureza virgem da América e opondo-a à velha civilização europeia. Foi o primeiro a perceber a necessidade de independência do continente.

Na mesma época viveu *José María Heredia* (1842-1905), em Cuba, autor de famosas composições nas quais cantava os lugares históricos do continente. O equatoriano *José Joaquín de Olmedo* (1780-1847) começaria a idealizar, em seus poemas patrióticos, os heróis da façanha libertadora. O mexicano *José Joaquín Fernández* (1776-1827), o peruano *Ricardo Palma* (1833-1919) e o argentino *José Hernández* (1834-1886) se dedicaram, em momentos distintos do século XIX, a descrever os costumes e os tipos humanos da América Latina.

Ao mesmo tempo, no Brasil, dois representantes do romantismo foram *Joaquim Manoel de Macedo* (1820-1882), autor de *A Moreninha* (1844), e *José de Alencar* (1829-1877), autor das novelas *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865).



#Juana Inés de La Cruz

(1648-1695)
Religiosa católica, poetisa e dramaturga, considerada uma das pioneiras da literatura mexicana em língua espanhola.

#Juan de Espinosa Medrano

(1629-1688)
Padre peruano, autor de tratados filosóficos e literários.

#Juan Ruiz de Alarcón

(1581-1639)
Dramaturgo mexicano.

#Simon Bolívar

(1783-1830)
Líder dos movimentos de independência das ex-colônias espanholas, acreditava que o mundo deveria ser feito de nações independentes unidas por leis comuns para regulação de questões externas.

#caudilhismo

Os caudilhos são políticos e líderes de caráter populista e/ou ditatorial. Acima da lei, podem assumir o poder por meio de golpes de Estado ou como radicais que fascinam as massas até tomar o governo e subverter a ordem.

Modernismo: a independência literária da América Latina

É uma época de relativa paz para boa parte dos países do continente, sucedendo um extenso período de guerras civis. Argentina e Chile viveram momentos de prosperidade econômica. O Brasil, em 1889, após movimento republicano, deixa de ser governado por um imperador. Em 1898, os Estados Unidos auxiliam na libertação de Cuba e Porto Rico, os dois últimos países submetidos ao domínio espanhol. Mas, ao mesmo tempo, assumem a tutela de ambas as nações. Essa atitude concretiza a **Doutrina Monroe** (1823), que pregava o direito dos Estados Unidos de intervir na política interna dos países latino-americanos. O custo para a Colômbia foi a separação do Panamá, em 1903. Houve também a revolução mexicana, em 1910, com Emiliano Zapata (1879-1919), Pancho Villa (1878-1923) e Porfirio Díaz (1830-1915), consolidada em 1917 e tão lembrada na literatura como no cinema latino-americano.



No modernismo, distinguem-se duas gerações de autores: a primeira é encabeçada pelo nicaraguense **Rubén Darío** (1867-1916) e pelo cubano **José Martí** (1853-1895). À segunda geração pertencem o peruano **José Santos Chocano** (1835-1934), o argentino **Leopoldo Lugones** (1874-1938), os mexicanos **Amado Nervo** (1870-1919) e **Ramón López Velarde** (1888-1921), a venezuelana **Teresa de la Parra** (1889-1936) e o ensaísta uruguaio **José Enrique Rodó** (1872-1917). Em *Ariel* (1900), sua obra mais conhecida, **Rodó** destaca o papel das aristocracias e dos grandes homens na condução dos eventos históricos. **Rodó** aplicou essa perspectiva em uma reavaliação do papel dos **caudilhos** no processo de independência.

Contemporâneos ao modernismo, mas desenvolvendo estilos de transição entre romantismo, impressionismo, realismo e simbolismo, estão os escritores brasileiros **Joaquim Maria Machado de Assis** (1839-1908), **Luís Guimarães Filho** (1878-1940), **Alberto de Oliveira** (1857-1937), **Olavo Bilac** (1865-1918), **Raimundo Correia** (1859-1911) e **Euclides da Cunha** (1866-1909).

Foram características do modernismo a fragmentação, o exotismo e a menção a mundos da nobreza desaparecidos (a cavalaria da Idade Média, as cortes dos reis da França, os imperadores incas e astecas, as monarquias chinesa e japonesa). O modernismo se diferencia do realismo por optar pela novela histórica ou a crônica da experiência da alucinação e da loucura, e pela descrição de ambientes de refinada boemia idealizados liricamente, além da radical experimentação estética.

Rodó, Mitre e Sarmiento: caudilhismo

José Enrique Rodó destacava a importância da memória histórica a respeito do caudilhismo como cimento da nacionalidade e se posicionava, assim, em um debate sobre o fenômeno que vinha da geração anterior.

Concentrado na história política e identificando o progresso com a institucionalização do poder, **Bartolomé Mitre** (1821-1906) mostrava a história da Argentina como uma trajetória contínua e ascendente em direção a uma ordem

liberal, da qual os caudilhos que mantiveram o vínculo com a nação seriam agentes construtivos. Apesar das diferenças entre ambas as visões, elas eram mais próximas que a de **Domingo Faustino Sarmiento** (1811-

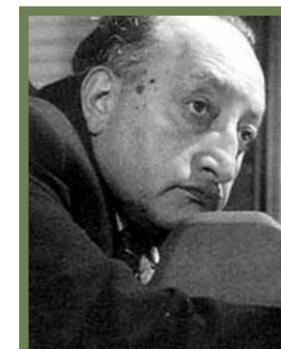
1888) para quem o caudilhismo era fruto das condições geradas pela história e geografia americanas. Ele o considerava sinal de barbárie, mas mesmo assim o via como um traço necessário ao avanço da liberdade no continente.

A experiência realista



Período em que a América Latina conhece os governos autoritários e as ditaduras políticas. Antes disso, há uma experiência no Paraguai do século XIX, com José Gaspar Rodríguez de Francia (1776-1840). E, no século XX, em uma parte do mandato do presidente Getúlio Vargas (1882-1954) no Brasil, entre 1937 e 1945, tanto quanto no de Juan Domingo Perón (1895-1974), que governou a Argentina de 1946 a 1955. O exército norte-americano também permaneceu na Nicarágua, durante 20 anos, sendo expulso pelo movimento político acaudilhado por Augusto César Sandino (1895-1934).

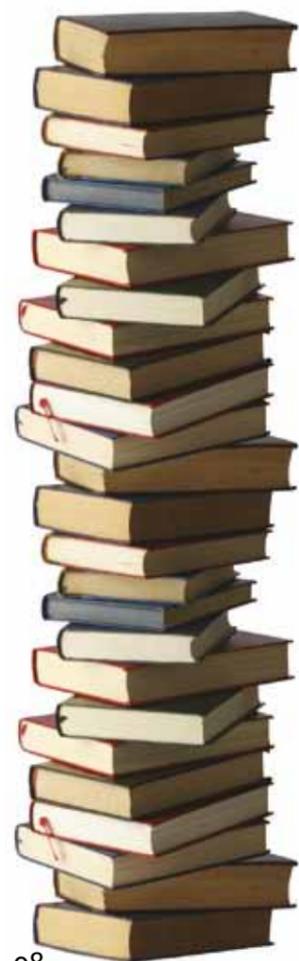
O autor equatoriano **Jorge Icaza** (1906-1978) retrata os índios como vítimas dos mais poderosos, no romance *Huasi-pungo* (1934), bem como o mexicano **Mariano Azuela** (1873-1952), que também aborda esta temática em sua obra *Los de abajo* (1915). A aproximação mais real às culturas indígenas provém das obras do peruano **José María Argüedas** (1911-1969), em *Los ríos profundos* (1956), e do guatemalteco **Miguel Ángel Asturias** (1899-1974), com suas *Lendas de Guatemala* (1930). Outra realidade que chamou a atenção dos escritores foi a dos camponeses, que para o brasileiro **Jorge Amado** (1912-2001) são geralmente negros, ou, em casos como o do paraguaio **Augusto Roa Bastos** (1912-2005) e do costarriquenho **Carlos Salazar Herrera** (1906-1982), são mestiços. Eles retratam as consequências da desigualdade econômica, na qual a América Latina se mantém desde a época colonial.



A vanguarda no pós-guerra

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) afetou a consciência literária de muitos escritores que viram nascer um mundo mais cruel e devastador. Entre os limites temporais de duas guerras mundiais, os poetas latino-americanos escreveram mais enfaticamente sobre os fatos da Europa, e não sobre os da América. Uma grande parte do desenvolvimento tecnológico mudou a aparência das cidades, a ideologia e os costumes da época. A poesia, adiantando-se a outros gêneros literários, abordou as repercussões desses fatos na vida social, abandonando as imagens luxuosas e criando um verso livre. Deixou de lado a rima e se aproximou da linguagem do cotidiano, expressando as inquietações da alma humana. Essa transformação parecia levantar uma fronteira que dividia para sempre o passado rural da nova vida cidadina.

Entre os primeiros autores a conceberem uma escola vanguardista estão o chileno **Vicente Huidobro** (1893-1948), fundador do **criacionismo** – uma de suas principais obras é *El espejo del agua* (1916) –, e o argentino **Jorge Luis Borges** (1899-1986), militante do ultraísmo, escola na qual a poesia devia ir além de qualquer realidade. No Brasil, a vanguarda tomou o nome de modernismo em 1922, encabeçado por poetas como **Manuel Bandeira** (1886-1968) e **Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987), autores que estão entre o sensual, o cotidiano, o irreverente e o transcendental. Na América Latina, as vozes vanguardistas mais importantes foram o chileno **Pablo Neruda** (1904-1973) e o peruano **César Vallejo** (1892-1938), entre tantos outros.





O apogeu da literatura no Continente

Na década de 1960, temos o chamado *boom* da literatura latino-americana. Em geral, observam-se nos escritores desta época algumas reformas técnicas provenientes do **surrealismo** e da literatura dos Estados Unidos do século XX, produzindo o que se convencionou chamar de **realismo mágico** e **literatura fantástica**. Abandona-se o **regionalismo** e o **costumbrismo**. Os livros mais destacados deste período são: *O jogo da amarelinha* (1963), de **Julio Cortázar** (1914-1984); *A morte de Artemio Cruz* (1962), de **Carlos Fuentes** (1928); *A cidade e os cachorros* (1963), de **Mario Vargas Llosa** (1936); e *Cem anos de solidão* (1967), de **Gabriel García Márquez** (1927). Há, também, escritores que pertencem a este núcleo, embora tenham sido publicados na década de 1950, ou durante a primeira metade de 1970, como **Juan Rulfo** (1917-1986) com *O planalto em chamas* (1953); **José Lezama Lima** (1910-1976) com *Paradiso* (1966); **Guillermo Cabrera Infante** (1929-2005) com *Três tristes tigres* (1965); **José Donoso** (1924-1996) com *O obsceno pássaro da noite* (1970); e **Augusto Roa Bastos** (1917-2005) com *Eu, o supremo* (1974), entre tantos outros.

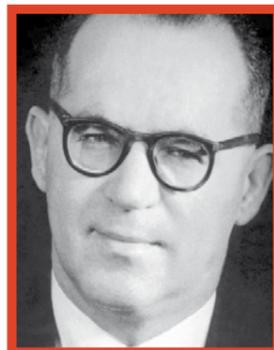
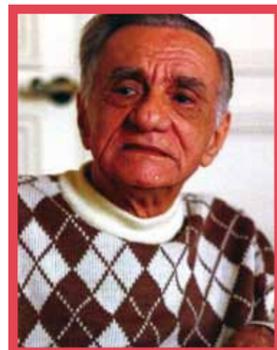
No Brasil, destacam-se, na poesia, **João Cabral de Melo Neto** (1920-1999) com *A educação pela pedra* (1966); **João Guimarães Rosa** (1908-1967) com *Grande Sertão: Veredas* (1956); e **Clarice Lispector** (1920-1977) com *A paixão segundo G.H.* (1964).

#surrealismo

Movimento artístico e literário para a libertação da arte das exigências da lógica e da razão, indo além da consciência cotidiana, buscando expressar o mundo do inconsciente e dos sonhos.

#costumbrismo

Interpretação literária ou pictórica da vida diária, com seus usos e costumes, no cenário hispânico do século XIX.



A mulher na literatura latino-americana

Desde o princípio da literatura latino-americana, praticamente não existiram condições favoráveis para o desenvolvimento da literatura feminina, em função das dificuldades do contexto social em que viviam as mulheres. Contudo, apesar da cultura machista dos europeus, durante a época da conquista americana, destaca-se **Catalina de Erauso** (1592-1650), autora de *La historia de la monja alférez*, uma das primeiras obras literárias escritas por mulher, tendo como cenário a América Latina.

No romantismo do século XIX, surgem novas vozes femininas que se tornam conhecidas, como a poeta cubana **Gertrudis Gómez de Avellaneda** (1814-1873) e a peruana **Clorinda Matto de Turner** (1853-1909). Já no modernismo apareceram as uruguaias **Delmira Agustini** (1886-1914) e **Juana de Ibarbourou** (1892-1979), a argentina **Alfonsina Storni** (1892-1938) e a chilena **Gabriela Mistral** (1889-1957). Além destas a argentina **Alejandra Pizarnik** (1936-1972) explora os grandes dilemas da mulher no mundo latino-americano. **Rosario Castellanos** (1925-1974), escritora mexicana, cultivou todos os gêneros, desde a poesia até o jornalismo, preocupada com a situação dos indígenas de seu país e com a condição da mulher na América Latina.

No Brasil, temos autoras como **Patrícia Galvão – Pagu** (1910-1962) com *Parque industrial* (1933); **Raquel de Queiróz** (1910-2003) com *Dora, Doralina* (1975); e **Nélida Piñon** (1937) com *Tebas do meu coração* (1974), dentre outras. Juntas, todas essas pioneiras abriram caminhos para tantas outras que conhecemos e lemos em nossa época.





O que é literatura? Até onde vai o poder de um livro e quais as intenções de um autor? **Jorge Luis Borges**, autor argentino, diz que “o livro é um instrumento de cultura. É um instrumento que, até agora, não foi superado” Para ele, “o arado e a espada são extensões da mão; o microscópio, dos olhos; mas um livro é algo a mais: é uma extensão da memória, do entendimento”. Na *Wikipedia*, aprendemos que a literatura é a arte de criar e recriar textos, de compor ou estudar escritos artísticos. É um exercício da expressão e da poesia, um conjunto de produções literárias de um país ou de uma época.

Extensão do homem e/ou conjunto de saberes de uma cultura, a literatura latino-americana assume todas as facetas possíveis: é arma social, é busca incessante pela identidade cultural e é questionamento filosófico em forma poética.

Os autores que veremos daqui pra frente, tanto do Brasil quanto de outros países da América Latina, formam a união dos diferentes pensamentos e sentimentos que têm em comum o amor pelo espírito latino e a vontade de construir, pela escrita, o indivíduo, o homem, o país e a identidade latino-americana.

O fazer literário



Gregório de Matos Guerra
(1623-1696)

Poeta **barroco**, nascido em Salvador/BA, é considerado **um dos fundadores da literatura brasileira**. Conhecido como sendo filho de família rica, foi concluir seus estudos em Portugal para, em teoria, retornar ao Brasil e ser mais um integrante da elite baiana. Mas não foi esse o caminho que optou por seguir. Usando **palavrões** e recorrendo a imagens pesadas, o amado e odiado **Gregório de Matos** se tornou conhecido como **Boca do Inferno** e passou sua vida criticando e ridicularizando quase todos na Bahia do final do século XVII: os colonizadores, a Igreja Católica, a nobreza, os governantes etc.

A forma dos escritos de **Gregório de Matos** também foi inovadora. O poeta usava figuras de linguagem típicas do barroco europeu, mas abasileirava o conteúdo com termos indígenas, africanos, locuções populares e gírias.

*Uma só natureza nos foi dada:
Não criou Deus os naturais diversos,
Um só Adão formou, e esse de nada.
Todos somos ruins, todos perversos,
Só nos distingue o vício, e a virtude,
De que uns são comensais, outros adversos.
Quem maior a tiver, do que eu ter pude,
Esse só me censure, esse me note,
calem-se os mais, chitom, e haja saúde.*

**A N. S. Jesus Cristo com atos de contrição
e suspiros de amor**



José de Alencar
(1829-1877)

Considerado **o maior romancista do romantismo brasileiro**, José Martiniano de Alencar nasceu no Ceará, filho de um ilustre senador do Império. Após cursar Direito, tornou-se político, jornalista e escritor. A literatura da época retratava a cultura portuguesa e seguia o estilo lusitano. Os romancistas escreviam como se vivessem em Portugal. Ao contrário destes, **José de Alencar** passou a usar vocabulário e sintaxe típicos do Brasil e a escrever sobre temas como o índio e o sertão. **José de Alencar** se preocupou em retratar sua terra e seu povo: mitos, lendas, tradições, usos e costumes, com o objetivo de mostrar a identidade do país através de seus textos.

O Guarani (1857) é tido como sua obra-prima. Carlos Gomes (1836-1896), o maior compositor clássico do Brasil, baseou-se nesta obra de **José de Alencar** para criar sua famosa ópera *O Guarani* (1870). Outros dois livros de conteúdo indigenista do autor são *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1984).

*Além, muito além daquela serra, que ainda azula
no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem
dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais ne-
gros que a asa da graúna e mais longos que seu
talhe de palmeira. O favo da jati não era doce
como seu sorriso; nem a baunilha rescendia no
bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida
que a ema selvagem, a morena virgem corria o
sertão e as matas do ipu, onde campeava sua
guerreira tribo, da grande nação Tabajara.*

Iracema (1865)



Machado de Assis
(1839-1908)

O carioca Joaquim Maria Machado de Assis, mestiço de origem humilde, frequentou apenas a escola primária. Perdeu a mãe muito cedo, precisando trabalhar desde a infância. Esforçado, aprendeu sozinho francês, inglês e alemão. **Machado de Assis** trabalhou como cronista, contista, poeta e crítico literário, mas foi como funcionário público que alcançou reconhecimento social e teve tempo para se dedicar à literatura.

Sua obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880) marcou o início do realismo no Brasil. É a partir dela que revela seu grande talento para a análise psicológica dos personagens, grande característica do autor. Definido por sua visão pessimista e niilista da vida humana, **Machado de Assis** se mostra sarcástico e irônico, ao desmascarar o ser humano, na sua hipocrisia, apresentando a personagem em seu contexto social e nas suas entranhas. Ao desmistificar crenças e instituições sacralizadas, **a obra machadiana questiona o sentido da vida**. As personagens existem como objeto de observação e análise do autor: são mais uma causa para reflexão do que agentes de ação.

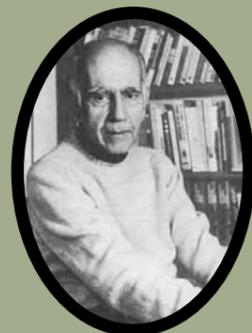
*O meu plano está feito; quero ser deputado, e,
na circular que mandarei aos meus eleitores, di-
rei que, antes, muito antes da abolição legal, já
eu, em casa, na modéstia da família, libertava um
escravo, ato que comoveu a tóda a gente que dêle
teve notícia; que êsse escravo tendo aprendido a
ler, escrever e contar, (simples suposições) é então
professor de filosofia no Rio das Cobras; que os
homens puros, grandes e verdadeiramente políti-
cos, não são os que obedecem à lei, mas os que se
antecipam a ela, dizendo ao escravo: és livre, antes
que o digam os poderes públicos, sempre retarda-
tários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça
na terra, para satisfação do céu.*

Bons dias! (1888)

#barroco

Período literário caracterizado pelos contrastes, oposições e dilemas. O artista barroco buscava a salvação ao mesmo tempo em que queria usufruir dos prazeres mundanos. Assim, a presença de antíteses na literatura barroca é clara: vida/morte, tristeza/alegria, claro/escuro. Outras características são o pessimismo, a intensidade e o exagero nas expressões e a linguagem muito rebuscada.

Rio Grande do Sul



Erico Verissimo (1905-1975)

Erico Lopes Verissimo nasceu na cidade de Cruz Alta/RS. Desde novo, demonstrou grande interesse pela literatura. Em 1929, resolve enviar seus textos a importantes revistas e suplementos de jornais, tentando a publicação. Logo, muda-se para Porto Alegre, com a intenção de viver apenas de literatura. Contratado como secretário de redação da *Revista do Globo*, no ano seguinte já é promovido a diretor.

Seu romance *Música ao longe* (1933) foi agraciado com o Prêmio Machado de Assis. Em 1975, um infarto tira a vida do autor, que deixa inacabado o livro *Solo de Clarineta*.

As obras de **Erico Verissimo** incluem romances, contos, novelas, narrativas de viagens e literatura infantil. Coloquial, poético e intimista, o autor desenvolve várias histórias paralelamente. Sua obra pode ser dividida em três fases: romance urbano – quando registra a vida da pequena burguesia porto-alegrense com uma visão otimista, ora lírica ora crítica, e com linguagem tradicional; romance histórico – *O tempo e o vento*, trilogia que abrange a história do Rio Grande do Sul de 1745 a 1945; e romance político – escrito durante o período da ditadura militar no Brasil, denunciando os males do autoritarismo e as violações dos direitos humanos.

O incidente que se vai narrar, e de que Antares foi teatro na sexta-feira 13 de dezembro do ano de 1963, tornou essa localidade conhecida e de certo modo famosa da noite para o dia – fama um tanto ambígua e efêmera, é verdade – não só no Estado do Rio Grande do Sul como também no resto do Brasil e mesmo através de todo o mundo civilizado. Entretanto, esse fato, ao que parece, não sensibilizou até agora geógrafos e cartógrafos. Tão insólitos, líridos e tétricos – e estes adjetivos foram catados no artigo alusivo àquele dia aziago, escrito pelo jornalista Lucas Faia para o seu diário A Verdade, porém jamais publicado, por motivos que oportunamente serão revelados – tão fantásticos foram esses acontecimentos, que o Pe. Gerônimo chegou a exclamar, dentro de seu templo, que aquilo era o começo do Juízo Final. Nesse momento de susto e angústia coletiva, um cético gaiato, desses que costumam menosprezar a terra onde nasceram e vivem, murmurou: “A troco de quê Deus havia de começar o Juízo Final logo neste cafun dó onde Judas perdeu as botas?”

Bem, mas não convém antecipar fatos nem ditos. Melhor será contar primeiro, de maneira tão sucinta e imparcial quanto possível, a história de Antares e de seus habitantes, para que se possa ter uma ideia mais clara do palco, do cenário e principalmente das personagens principais, bem como da comparsaxia, desse drama talvez inédito nos anais da espécie humana.

Incidente em Antares (1971)



Dyonélio Machado (1895-1985)

Dyonélio Tubino Machado, nascido em Quaraí/RS, é considerado o precursor da prosa urbana gaúcha com o livro *Um pobre homem* (1927). Aos 12 anos, já trabalhava no jornal da sua cidade, situada na fronteira com o Uruguai. Psiquiatra e jornalista, além de militante político, sua atuação contra a ditadura de Getúlio Vargas fez com que ficasse preso durante dois anos no Rio de Janeiro, período de grande influência em sua obra.

Dyonélio Machado obteve grande reconhecimento com o livro *Os ratos* (1935) e também por *O louco do Cati* (1942), ambos considerados clássicos da literatura brasileira.

Como psiquiatra, **Dyonélio Machado** desenvolveu a habilidade de observar profundamente os homens, em uma análise dos pequenos e grandes dramas, além das angústias que provocam necessidades traumatizantes. As atividades de jornalista caracterizaram seu estilo rápido e certeiro, em uma linguagem clara e simples, e sua atividade política foi fundamental para o caráter crítico de suas obras, repletas de investigações sociais.

Põe-se a examinar o forro, a ver se eles ainda estão ali. Passa muito tempo: nenhum ruído – aquele dedilhar, aquele rufar... O guinchinho mesmo, formado daquele conjunto de vozezinhas, já não ouve mais. Cessou também o roer... o roer. Decerto já foram embora... Naziazeno está quase certo de que eles já se foram. Alguma coisa os assustou. Talvez um barulho qualquer da rua. Foram-se...

Aquele silêncio mesmo parece a Naziazeno um silêncio de fim de alguma coisa – de fim de tarefa, de trabalho...É um repouso...a folga... Ele vê os ratos retirando-se, depois do trabalho, depois da colheita... Só alguns sinais no seu campo de ação, no seu campo de combate... Alguns destroços... uns pequenos retalhozinhos verdes... escuros... dum verde graxento, meio brilhante...

Adquire às vezes uma certeza tão grande desse fato, que chega a se dizer que não se levanta, não vai até lá, porque já nada adianta... nada...

E vem-lhe então aquela sua tristeza, aquela ânsia no estômago, aquele desânimo...

Os ratos (1935)





Graciliano Ramos
(1892-1953)

Graciliano Ramos de Oliveira passou a infância no nordeste do Brasil, onde teve contato com o contexto das secas e enfrentou a constante violência física de seu pai. Aos 22 anos, sem ter cursado qualquer faculdade, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como revisor em alguns jornais. Viúvo e com quatro filhos, retornou a Alagoas como jornalista, até ser prefeito da cidade de Palmeira dos Índios, em 1928, cargo a que renunciou dois anos depois. Acusado de ligação com o Partido Comunista, foi preso de março de 1936 até janeiro de 1937. Usou esta experiência para escrever a obra *Memórias do cárcere* (1953).

Suas narrativas em primeira pessoa, definidas em sua frase “Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou”, são marcadas por irremediáveis além da análise pontual do contexto e tentar decifrar as questões e as angústias do homem, questões que se arrastam através dos tempos. Sem sentimentalismos e com grande capacidade de síntese, **Graciliano Ramos teve a habilidade de dizer o essencial em poucas palavras.**

Contudo, foi narrando em terceira pessoa que escreveu seu principal livro, *Vidas secas* (1938), em que prevalece a visão da realidade social sobre a análise psicológica das personagens, em uma obra que expõe o drama social e geográfico do Nordeste.

Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto.

Vidas secas (1938)



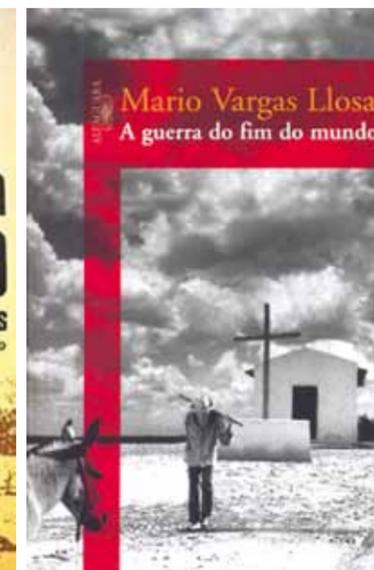
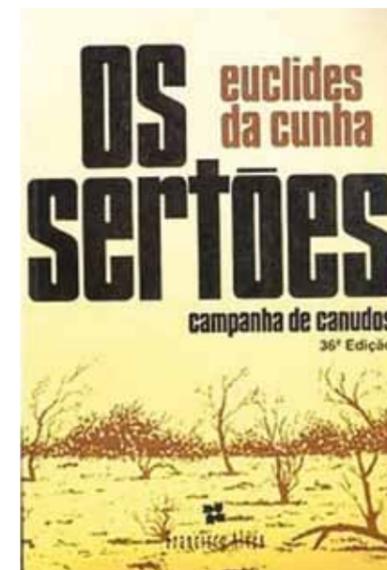
Clarice Lispector
(1920-1977)

Nascida na Ucrânia, **Clarice Lispector** veio ainda pequena com sua família para o Brasil, fugindo da perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa (1918-1921). Ao longo de toda a vida, nunca se desvinculou totalmente do jornalismo, trabalhando para diversos jornais e periódicos.

Suas obras tentam atingir os mais profundos estados mentais das personagens e investigar os complexos mecanismos psicológicos. Essa busca é a principal característica de seu estilo. O enredo tem importância secundária. As ações apenas ilustram o caráter psicológico das personagens. São comuns histórias sem começo, meio ou fim. Clarice se dizia mais uma “sentidora” do que uma escritora, porque registrava em palavras aquilo que sentia. Mais que histórias, seus livros apresentam impressões de um mundo absurdo e quase sem sentido, diante de fatos inesperados. Esses momentos específicos nas histórias provocam um desequilíbrio interior que muda, para sempre, a vida da personagem iluminada em sua consciência.

Antes de começar quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês como se chamam? Digam baixinho o nome de vocês e meu coração vai ouvir.

A mulher que matou os peixes (1968)



Euclides da Cunha x Mario Vargas Llosa

Quando **Euclides da Cunha** (1866-1909) escreveu suas reportagens e as publicou no jornal *O Estado de S. Paulo*, entre 18 de agosto e 24 de outubro de 1897, assim como os dois artigos iniciais que publicara, em 14 de março e 17 de julho do mesmo ano, sob o título *A nossa Vendeia*, posicionava-se claramente contra os revoltosos de Canudos e a favor da República. Para ele, os camponeses de Belo Monte eram ignorantes, liderados por um perigoso facinora e deveriam ser destruídos, sob pena de colocarem em risco o regime político.

No entanto, quando retornou, já estava com outra visão. Isso o levou a escrever *Os sertões* (1902), que não apenas o tornaria famoso literariamente, como inseriria sua obra tanto na série literária quanto na de estudos fundamentais a respeito da sociologia do Brasil. **Euclides da Cunha** protestava, sobretudo, contra a intolerância, especialmente advinda do governo. O livro, financiado pelo próprio autor, teve um sucesso tão fulminante que esgotou em pouco tempo e tornar-se-ia, logo, **uma das obras brasileiras mais publicadas ao longo do século XX.**

Em 1981, portanto cerca de 80 anos depois, um escritor peruano, aparentemente distante de toda esta polêmica, lançava quase simultaneamente, em seu país de origem e no Brasil, um romance de mais de quinhentas páginas, chamado *A guerra do fim do mundo*. Seu tema, aquela mesma guerra de Canudos. Sua motivação, exatamente a mesma, conforme declarou em entrevista na época: **“Para mim, o mais dramático e representativo dessa história é um fenômeno que vemos todos os dias em toda parte, à esquerda e à direita. É esse desencontro. Duas facções, dentro de uma sociedade, desentendem-se por razões ideológicas e constroem uma imagem do adversário que não leva em consideração, em momento algum, a realidade objetiva”** (*Jornal do Tarde*, 14/11/1981, p. 1).

A principal personagem de Llosa é, de certo modo, homenagem a Euclides: trata-se de um jornalista que pouco entende do que vê, até que perde seus óculos. Míope, de certo modo, começa a entender o que o rodeia, na medida em que ouve e presta atenção em tudo o que está à sua volta.

Mario Vargas Llosa (1936) sempre denunciou a violência política em seu país e no continente, chegando mesmo a candidatar-se à Presidência do Peru, em 1990, sendo derrotado por Fujimori, mais tarde condenado por corrupção. **Llosa** tem praticamente toda a sua obra traduzida no Brasil, de *Os chefes* (1959) e *A cidade e os cachorros* (1963) a *A casa verde* (1966) e *Conversa na catedral* (1969).



Nicolás Guillén (1902-1989)

Poeta cubano considerado, juntamente com **José Martí**, representante da literatura de Cuba. Descendente de africanos e espanhóis, **Guillén** se tornou órfão de pai aos 15 anos, sendo educado pela mãe.

Em seu trabalho como jornalista no *Diario de la Marina* publicou sua primeira obra, *Motivos del son* (1930), inspirado em ritmos e tradições afro-cubanos (*son* é uma dança popular). Mas foi com *Sóngoro cosongo* (1931) que **Guillén** reafirmou as raízes e denunciou o preconceito racial em seu país, passando, assim, a usar sua obra como protesto contra o contexto político-social cubano. O poeta se tornou membro do Partido Comunista e, após o golpe militar de

Fulgêncio Batista, exilou-se por cinco anos. Com a vitória da Revolução em 59, volta a Cuba e colabora com o jornal *Hoy* ativamente. Em 1961, torna-se presidente da União de Escritores e Artistas e, um ano depois, assume o cargo de ministro do Serviço Exterior da República. A paixão pela poesia o manteve em Havana até sua morte.

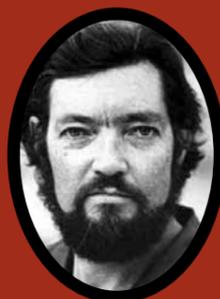
Nicolás Guillén representa a questão do negro em seu país. Cultiva a cultura do dia a dia de seu povo na poesia mulata, como preferia denominar. Diferentemente de outro importante escritor cubano, **Alejo Carpentier**, em que o caráter mítico buscava uma essência negra, e de uma necessidade humana anterior às questões sociais, a poesia de **Nicolás Guillén** vem do povo e é dirigida para o povo. O poeta tenta, ao máximo, dar a dimensão da alma popular e adaptar o ritmo dos versos à sonoridade da cultura cubana.

*Penso em meus longos dias sem sapatos nem rosas.
Penso em meus longos dias sem abrigos nem nuvens.
Penso em meus longos dias sem camisas nem sonhos.
Penso em meus longos dias com minha pele proibida.
Penso em meus longos dias.*

- Não passe, por favor. Isto é um clube.
- A relação está cheia.
- Não há vaga no hotel.
- O senhor saiu.
- Deseja uma mulher.
- Fraude nas eleições.
- Grande baile para cegos.
- Caiu o Prêmio Maior em Santa Clara.
- Loteria para órfãos.
- O cavalheiro está em Paris.
- A senhora marquesa não recebe.

*Enfim, toda recordação.
E como toda recordação,
que droga me pede você para fazer?
Além disso, pergunte-lhes.
Estou seguro
de que também recordam eles.*

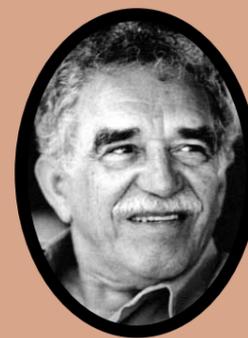
Burgueses



Julio Cortázar (1914-1984)

Julio Florencio Cortázar nasceu em Bruxelas, Bélgica, quando a cidade estava sob domínio alemão, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em 1918, toda a família muda-se para a Argentina. Com apenas nove anos, **Cortázar** já terminava seu primeiro romance.

Em 1944, mudou-se para a cidade argentina de Cuyo, onde passou a dar aulas de Literatura Francesa na Universidade local. Três anos depois, enviou o texto *Casa tomada* a Jorge Luis Borges (1899-1986), então diretor da revista *Los Anales de Buenos Aires*, que publicou o conto de Cortázar. Nos



Gabriel García Márquez (1928)

O colombiano Gabriel José García Márquez foi criado na casa de seus avós maternos. Seu avô, coronel veterano de guerra, narrava aventuras militares e a avó contava fábulas e lendas, com sua visão mágica e supersticiosa da realidade.

García Márquez se tornou conhecido como jornalista, ao trabalhar na redação de *El Espectador*, onde se tornou o primeiro crítico de cinema colombiano, além de elogiado cronista e repórter, com grande influência na vida cultural do país. Em 1960, mudou-se para a Cidade do México e começou a escrever roteiros para o cinema, além de duas obras literárias, *Ninguém escreve ao coronel* (1961) e *Má hora: o veneno da madrugada* (1961), com a qual ga-

nhou o Prêmio Esso de Romance, na Colômbia. Em 1966, largou o emprego e deixou o sustento da casa e dos dois filhos para sua esposa. Isolado do mundo, **García Márquez** se preparava para publicar sua mais importante obra. Foram 18 meses, em um ritmo de mais de oito horas de trabalho por dia, para escrever *Cem anos de solidão* (1967), considerado um dos livros mais conhecidos da literatura em língua espanhola.

Com o sucesso, **García Márquez** se mudou para a Espanha e passou temporadas em outros países da América Latina. Em 1981, voltou para a Colômbia, mas foi acusado pelo governo de colaborar com a guerrilha, tendo de se exilar no México. Nos anos seguintes, publicou romances, contos e antologias de sua produção jornalística. Em 1982, **Gabriel García Márquez** recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Diante de 400 convidados, pronunciou o famoso discurso *A solidão da América Latina*, que faz parte de uma nova coletânea do autor, com 22 de seus principais discursos, a ser lançada no Brasil ainda em 2010.

Em cada linha que escrevo, trato sempre, com mais ou menos fortuna, de invocar os espíritos esquivos da poesia, e trato de deixar em cada palavra o testemunho de minha devoção pelas suas virtudes de adivinhação e pela sua permanente vitória contra os surdos poderes da morte. Entendo que o prêmio que acabo de receber, com toda humildade, é a consoladora revelação de que meu intento não foi em vão. É por isso que convido a todos a brindar por aquilo que um grande poeta das nossas Américas, Luis Cardoza y Aragón, definiu como a única prova concreta da existência do homem: a poesia.

A solidão da América Latina

*Sinto falta do Cruzeiro do Sul
Quando a sede me faz erguer a cabeça
Para beber teu vinho negro meia-noite.
E sinto falta das esquinas com armazéns dormilhões
Onde o perfume do mate treme na pele do ar.
Compreendo que isto está sempre lá
Como um bolso onde a cada instante
A mão busca uma moeda o canivete o pente
A mão infatigável de uma estranha memória
Que reconta seus mortos*

Milonga, canção dedicada a Buenos Aires

anos seguintes, escreveu uma série de contos publicados, alguns deles inclusive premiados.

Aos 47 anos de idade, **Cortázar** visitou Cuba pela primeira vez. A viagem foi impactante para o autor, pois trouxe à tona, como ele mesmo expressou, “o grande vazio político que eu tinha, minha inutilidade política. A partir dali que eu comecei a me informar, ler e compreender”. No mesmo ano, publicou *Os prêmios*, seu primeiro trabalho a ser traduzido para outras línguas. Mas foi com *O jogo da amarelinha* (1963) que Cortázar atingiu reconhecimento mundial. Cinco mil cópias foram vendidas no primeiro ano da publicação. Em 1981, descobriu estar com leucemia. Até o ano de sua morte, 1984, publicaria mais alguns poemas e a obra *Os autonautas da cosmopista*, escrito em parceria com sua esposa, a fotógrafa canadense Carol Dunlop, falecida em 1982.



Jorge Luis Borges (1899-1986)

O escritor **Jorge Luis Borges** nasceu na capital argentina, Buenos Aires. Filho de um advogado, professor de Psicologia, e de uma tradutora, **Borges** teve contato com a língua inglesa e espanhola desde pequeno. Com apenas seis anos, o pequeno **Borges** decidiu que seria escritor e, um ano depois, escreveu um resumo da literatura grega. Aos oito anos de idade, baseou-se em *Dom Quixote* (1605) para criar seu primeiro conto, *La visera fatal*, e aos nove traduziu a obra *O príncipe feliz* (1888), de Oscar Wilde, do inglês para o espanhol.

Em 1914, pouco antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), viajou com sua família para a Europa e se instalou em Genebra, na Suíça, onde cursou o ensino médio e aprendeu francês e alemão. Foi nesse período que teve contato com filósofos e poetas franceses simbolistas, que ensinaram **Borges** a pensar e escrever sobre a profundidade da alma humana, por meio do abstrato e subjetivo. Em 1921, voltou a Buenos Aires e fundou a revista *Proa* com outros importantes escritores, além de colaborar com outros diversos periódicos. Aos 24 anos, publicou seu primeiro livro de poemas, *Fervor de Buenos Aires* (1923).

Em 1939, **Borges** bateu sua cabeça em uma escada e sofreu uma grave infecção. A lenta e dolorosa recuperação o fez duvidar de sua saúde mental e capacidade de escrever. Contudo, o autor restabeleceu sua saúde e seguiu escrevendo suas melhores histórias fantásticas, que foram compiladas na obra *Ficções* (1944). Em 1949, escreveu o que é considerado um de seus mais importantes livros, *O Aleph*.

Além do conhecimento e do amor pelos livros, **Borges** herdou um problema de visão de seu pai, que o acompanhou ao longo de toda a sua vida. Foi a partir dessa época que a doença progrediu, perdendo quase toda a visão. Ironicamente, o apaixonado por livros, quase sem poder ver, é nomeado, em 1955, diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires. A obra de **Borges** foi traduzida para mais de 25 idiomas e levada ao cinema e à televisão. Seus críticos dizem que a simplicidade e a objetividade de **Borges** o faziam ser **capaz de colocar, com toda profundidade humana, um universo dentro de uma caixa de fósforos**.

*De um de teus pátios ter olhado
as antigas estrelas,
de um banco na sombra ter olhado
essas luzes dispersas,
que minha ignorância não aprendeu a nomear
nem a ordenar em constelações,
ter sentido o círculo da água
no secreto poço,
o aroma de jasmim e madressilva,
o silêncio do pássaro que dorme,
o arco do saguão, a umidade
– essas coisas, são o poema.*

O Sul



Pablo Neruda (1904-1973)

O chileno Neftalí Ricardo Reyes, mais conhecido como **Pablo Neruda**, era filho de um operário ferroviário e de uma professora primária. Perdeu a mãe no momento de seu nascimento. Ainda na escola, teve seus primeiros poemas publicados no jornal *La Manaña* e, aos 16 anos de idade, contribuía com uma revista literária, já com o pseudônimo de **Pablo Neruda** – homenagem ao poeta tcheco **Jan Neruda** e ao poeta francês **Paul Verlaine**.

Em 1921, mudou-se para a cidade de Santiago, para estudar Pedagogia no Instituto Pedagógico da Universidade do Chile. Apesar de seguir escrevendo seus poemas, iniciou sua carreira diplomática, ao ser nomeado cônsul na Birmânia em 1927. Em 1936, explode a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), que motiva **Neruda** a se comprometer com o movimento republicano e com o engajamento político-partidário. Os versos se tornam simples, para serem compreendidos pelos operários, e começa a produzir textos com temáticas políticas e sociais. Em 1939, torna-se cônsul-geral no México, país em que escreve *Canto geral do Chile*, considerado um poema épico sobre as belezas naturais e sociais do continente americano.

Pablo Neruda é eleito senador em 1945. No ano seguinte, o presidente Ríos Morales morre e Gabriel González Videla assume, instaurando censura na imprensa e uma onda de repressão contra sindicatos e trabalhadores. No jornal *El Nacional*, da Venezuela, **Neruda** publica a *Carta íntima para milhões de homens*, denunciando as traições e os crimes do presidente. O poeta passa a ser perseguido pelo governo e viaja como fugitivo por diversos pontos do país, com a ajuda de famílias pobres que o acobertam. É nesse período que escreve o importante *Canto geral* (1950), obra em que retrata os crimes do imperialismo norte-americano, os séculos de dominação estrangeira e as lutas de resistência do povo latino-americano. **Pablo Neruda** volta ao Chile em 1952. Com a candidatura de **Salvador Allende** à Presidência da República, o poeta retorna à militância política para apoiar o candidato, que vence as eleições em 1970. Em 1971, **Pablo Neruda** recebe o **Prêmio Nobel de Literatura**. **Pablo Neruda é um dos poetas mais conhecidos no mundo**. Seus mais de 40 livros foram traduzidos para quase todas as línguas.

*Terno e sangrento foi, mas no punho
da sua arma de cristal umedecido,
as iniciais da terra estavam escritas.*

*Ninguém pode
recordá-las depois: o vento
as esqueceu, o idioma da água
foi enterrado, as chaves se perderam
ou se inundaram de silêncio ou sangue.*

*Não se perdeu a vida, irmãos pastorais.
Mas como uma rosa selvagem
caiu uma gota rubra na floresta,
e se apagou uma lâmpada de terra.*

*Eu estou aqui para contar a história.
Desde a paz do búfalo
até as areias
da terra final, nas espumas
acumuladas da luz antártica,*

*e pelas lapas despenhadas
da sombria paz venezuelana,
te procurei, meu pai,
jovem guerreiro de treva e cobre,
ou tu, planta nupcial, cabeleira indomável,
mãe jacarao, metálica pomba.*

*Eu, incaico do lodo,
toquei a pedra e disse:
Quem me espera? E apertei a mão
sobre um punhado de cristal vazio.
Mas andei entre flores zapotecas
e doce era a luz como um veado,
e era a sombra como uma pálpebra verde.*

*Terra minha sem nome, sem América,
estame equinocial, lança de púrpura,
o teu aroma me subiu pelas raízes
até a taça que bebia, até a mais delgada
palavra ainda não nascida da minha boca.*

#Jan Neruda (1834-1891)

Escritor e poeta nascido em Praga, República Tcheca, é um dos mais importantes representantes do realismo. Sua poesia foi baseada na linguagem oral contemporânea.

#Paul Verlaine (1844-1896)

Considerado um dos maiores e mais populares poetas franceses. Um poeta maldito (termo usado para aqueles que recusavam os valores da sociedade ou livres em vontades). Em 1894, foi eleito o *Príncipe dos Poetas*.

#Salvador Allende (1908-1973)

Médico e político chileno, fundou o Partido Socialista e governou seu país de 1970 a 1973, até sofrer um golpe de estado, liderado pelo general do exército chileno, **#Augusto Pinochet** (1915-2006), cujo período de governo foi considerado o mais autoritário e violento da história chilena.

Amor América, 1400

América Latina



Inca Garcilaso de la Vega (1539-1616)

Escritor e historiador peruano, considerado por alguns especialistas o mais completo historiador do povo inca. Filho ilegítimo de importante conquistador e cavaleiro espanhol com uma princesa inca, o mestiço **Garcilaso de la Vega** aprendeu tanto o idioma espanhol quanto o quíchua – transitando entre ambas as culturas –, algo que colaborou muito em suas obras.

Aos 21 anos, seu pai faleceu e, para obter a pensão dos serviços prestados por ele à Espanha, precisou ir à corte e enfrentar grande preconceito. Amargurado – **Garcilaso** tinha muito orgulho de sua origem –, adotou o prenome “El Inca”.

Mesmo que a educação europeia de “El Inca” tenha sido informal, devido à sua origem, seus escritos são de extrema importância literária e histórica. A literatura de **Garcilaso** retrata o povo inca como extraordinariamente feliz, mas, ainda assim, os fatos históricos aprendidos com a família de sua mãe são muito precisos.

A obra mais importante de **Garcilaso de la Vega** é *Comentários Reais que tratam da origem dos Incas*, dividida em duas partes. Na primeira, publicada em 1609, fala da cultura inca; na segunda, da conquista do Peru pelos espanhóis, publicada em 1617.

Nós, filhos de espanhol e de índia, ou de índio e espanhola, somos chamados de mestiços, para dizer que somos uma mistura de ambas as nações; isso foi imposto pelos primeiros espanhóis que tiveram filhos nas Índias; e por ser um nome imposto por nossos pais e devido a sua significação, chamo-me assim em alto e bom som e orgulho-me disso. Apesar de que nas Índias, dizer que alguém é um mestiço é considerado menosprezo.

Comentários Reais que tratam da origem dos Incas



José Hernández (1834-1886)

Poeta, político e jornalista argentino, viveu seus primeiros anos de vida em Pueyrredón, bairro de Buenos Aires. Aos seis anos, sua família foi transferida a trabalho para o interior da província. Aos nove, ficou órfão de mãe. Jornalista, político e militar, **José Hernández** passou metade de sua vida ao lado dos gaúchos (índios e mestiços de índios), nos pampas da fronteira, e nos exércitos que participaram das revoluções civis na Argentina em meados de 1800. Assim, foi testemunha da tomada das terras de seus companheiros pelas classes favorecidas, bem como a participação forçada desses gaúchos em revoltas para lutar por ideias que não eram suas.

José Hernández, por meio de sua poesia, contribuiu na luta pela liberdade de seu povo. O gaúcho *Martín Fierro* (1872) e a continuação, *A volta de Martín Fierro* (1876), juntas, formam a principal obra da literatura argentina. O poema conta a história de um gaúcho, Martín, que é forçado a servir ao exército.

Mais de um século de história se passou desde a publicação de *Martín Fierro* e o poema já foi traduzido para mais de 20 línguas. O que faz esta personagem ser considerada patrimônio cultural da Argentina é o retrato real e espontâneo da figura do gaúcho, escrito em sua linguagem. Forçado a gritar por sua liberdade e individualidade frente às mudanças sociais e materiais que invadiram seu amado pampa, *Martín Fierro* é um protesto aos anos de abuso e negligência que os gaúchos sofreram por parte dos donos de terras, dos militares e da política argentina.

14.
Sou gaúcho, e entendam bem
como a minha língua explica:
pra mim o chão não se estica,
podia ser bem maior;
nem a víbora me pica,
nem me queima o rosto o sol.

15.
Nasci como nasce o peixe
na profundidade do mar;
ninguém me pode tirar
aquilo que Deus me deu
– o que tenho aqui de meu,
do mundo eu hei de levar.

16.
Minha glória é viver livre
como o pássaro no ar;
no chão não vou me aninhar,
onde há tanto que sofrer,
e ninguém me há de seguir
quando eu voltar a voar.

O gaúcho Martín Fierro



Nobel

Em 2010, Mario Vargas Llosa recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Esta foi a sexta vez na história que um escritor latino-americano foi homenageado com o prêmio na categoria literatura.

O que é o Prêmio Nobel?

Antes de mais nada, é importante saber que a palavra “Nobel” é uma oxítone, ou seja, a última sílaba é a tônica. Assim, pronuncia-se “Nobél”. O Prêmio Nobel é a mais importante homenagem no meio acadêmico mundial. Os vencedores são modelos na pesquisa científica e na defesa dos direitos do homem. Os prêmios são entregues, anualmente, no dia 10 de dezembro, aniversário da morte do seu criador, Alfred Nobel.

Quem foi Nobel?

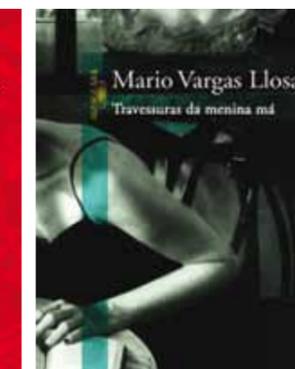
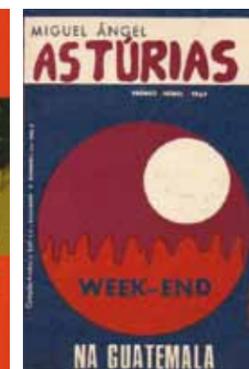
O sueco Alfred Nobel foi dono de um gigantesco complexo industrial do século XIX e também um inventor, principalmente no campo de explosivos. Foram mais de 300 invenções – incluindo a dinamite em 1866. Abalado com a utilização militar de seus inventos (chegou a ser chamado de “mercador da morte”), deixou sua fortuna a uma fundação encarregada de premiar aqueles que se destacassem na contribuição para o bem da humanidade e para determinados campos da pesquisa científica.

Categorias do Prêmio Nobel?

Paz, Física, Química, Medicina e Literatura.

Latino-americanos vencedores do Nobel da Literatura:

- | | |
|---|---|
| 1945 – Gabriela Mistral (Chile) | 1982 – Gabriel García Márquez (Colômbia) |
| 1967 – Miguel Ángel Asturias (Guatemala) | 1990 – Octavio Paz (México) |
| 1971 – Pablo Neruda (Chile) | 2010 – Mario Vargas Llosa (Peru) |





Você tem um blog? Acessa o de amigos que escrevem?

Os blogs mudaram a maneira com que lemos notícias, livros e textos em geral. Não apenas o tamanho dos textos diminuiu, mas a liberdade do autor em expor seus pensamentos e sentimentos mais vivos pôde vir à tona. A interação direta com o leitor também mudou o conteúdo dos textos. No blog, os comentários podem ser infinitos. Educados ou não, todos podem dar sua opinião e, num grupo de leitores interessados, pensar um assunto em busca de um ideal comum. Rápido e gratuito, mais do que divulgar notícias ou comentar o cotidiano, o blog surgiu como ferramenta de contestação, em sua mais pura liberdade.

Os escritores da América Latina nasceram e se mantiveram assim: a liberdade de pensamento e a paixão naquilo em que acreditam são sua principal característica. O que postariam os grandes autores latino-americanos? O que você diria sobre essas ideias? Leia e participe deste blog. Aqui, os textos são um recorte fiel às publicações e dizeres destes autores, num diálogo profundo sobre aquilo que os motivava: o amor pela literatura e pela América Latina. É a chance de compreendermos, por meio dos próprios autores de nossa história, o sentimento que formou esta identidade.

Uma poesia única

Sábado | 15 de abril de 1872 | 05h35

Os que não acreditam em sua terra são homens deficientes. Por lhes faltar a coragem, negam-na aos outros. Seu braço fraco, braço de unhas pintadas e pulseira, o braço de Madri ou de Paris, não atinge a árvore difícil; e dizem que não é possível atingir a árvore. É preciso acabar com esses insetos daninhos, que roem o osso da pátria que os nutre.

Pois, quem é o homem? O que fica com a mãe, para curar-lhe a doença, ou aquele que a faz trabalhar onde não a vejam, e vive de seu sustento nas terras apodrecidas, rodeado pelos vermes, maldizendo o seio que o embalou e levando a pecha de traidor nas costas da casaca improvisada?

Os orgulhosos pensam que a terra foi feita para servir-lhes de pedestal, por terem a pena fácil e a palavra colorida, e acusam de incapaz e irremediável sua república nativa, pois não lhes dá suas selvas novas, uma maneira contínua de marchar pelo mundo como cacique famoso, guiando cavalos persas e derramando champanhe.

É por isso que o livro importado foi vencido, na América, pelo homem natural. Os homens naturais venceram os letrados artificiais. O mestiço autóctone venceu o crioulo exótico. Não há batalha entre a civilização e a barbárie, mas sim entre a falsa erudição e a natureza.

O povo nativo, com o impulso do instinto, carregava, cegado pelo triunfo, os bastões de ouro. Nem o livro europeu nem o livro ianque davam a chave do enigma hispano-americano.

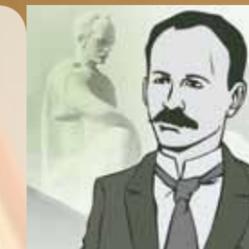
Comentários (4)

Nome: **Anônimo**
Local: **Povo náuatle, México**
Escutemos o nosso coração: / É nossa casa esta terra? / Ou vivemos apenas em meio à miséria e à angústia? / Haverá novamente de fixar lá o rosto de meus pais, / Para que me deem outra vez os seus cantos e suas palavras? / Eu os procuro, mas não há ninguém aí. / Deixaram-nos sós, órfãos sobre a terra.

Nome: **Alejo Carpentier**
Local: **Cuba**
Existe, para certos críticos, a ideia de que o compromisso político põe em risco a qualidade da obra literária ou artística. O que é absolutamente falso. O romancista latino-americano neste novo fim de século será um romancista comprometido pela força das circunstâncias. E não há como ser romancista e cidadão, hoje em dia, dando as costas para a história que se está construindo aos olhos de todos, afetando cada um direta ou indiretamente, numa época de grandes mudanças e mutações fomentadas nas massas – e não poderia ser de outra forma – pelo irrefreável impulso humano de melhorar as coisas. Na América Latina, falar de neutralidade da cultura é um absurdo.

Nome: **Jorge Luis Borges**
Local: **Argentina**
A América é uma Europa no exílio. A cultura da América do Norte, assim como da América Latina, são amplificações e, em parte, deformações do Ocidente europeu. Todos somos europeus desterrados, nossa cultura é a cultura ocidental, e não a indígena, certamente. No Sul, nunca pensamos como latino-americanos. No que me diz respeito, considero-me um argentino, não um brasileiro, um colombiano ou um uruguaio. Com o que quero dizer que nunca penso que sou um mexicano. Devemos reconhecer o fato de que ninguém, na América Latina, sente-se latino-americano. A América Latina é uma superstição, e a literatura latino-americana, outra. Como vai existir literatura latino-americana, se não existe América Latina?

Nome: **José Martí**
Local: **Cuba**
Não há letras, que sejam expressão, enquanto não houver essência que expresse nelas. Nem haverá Literatura Hispano-Americana, enquanto não houver Hispano-América.



José Martí

Local: **Cuba**

#povo náuatle

Membros de um povo indígena que habita a alta planície mexicana e algumas regiões da América Central. Náuatle também é o nome de sua língua, falada por cerca de 1,5 milhão de pessoas. Os poemas e cantos náuatles datam, em grande parte, de 1400 a 1500, e eram cantados em festas e reuniões dos guerreiros, unidos pela amizade, religião e amor à terra.



Mario Vargas Llosa

Local: Cuba

A verdade das mentiras

Quarta-feira | 05 de março de 1976 | 16h44

Querer ser diferente do que se é tem sido a aspiração humana por excelência. Dela resultou o melhor e o pior que a história registra. Dela também nasceu a ficção. Quando lemos romances, não somos o que somos habitualmente, mas também os seres criados para os quais o romancista nos transporta. Esse traslado é uma metamorfose: o reduto asfíxiante que é nossa vida real abre-se e saímos para sermos outros, para viver vicariamente experiências que a ficção transforma como nossas.

Sonho lúcido e fantasia encarnada, a ficção nos completa – a nós, seres mutilados, a quem foi imposta a atroz dicotomia de ter uma única vida, e os apetites e as fantasias de desejar outras mil. Esse espaço entre a vida real e os desejos e as fantasias, que exigem que seja mais rica e mais diversa, é preenchido pelos livros de ficção.

No coração de todos esses livros chameja um protesto. Quem os fabula o fez porque não pôde vivê-los, e quem os lê – e neles acredita, durante a leitura – encontra, em suas fantasias, os rostos e as aventuras de que necessitava para ampliar sua vida. Essa é a verdade que as mentiras da ficção expressam: as mentiras que somos, as que nos consolam e que nos desagravam das nossas nostalgias e frustrações.

Comentários (3)



Nome: **Gabriel García Márquez**

Local: **Colômbia**

A vida cotidiana na América Latina nos demonstra que a realidade está cheia de coisas extraordinárias. Não há, nos meus romances, uma linha que não seja baseada na realidade.



Nome: **Mario Vargas Llosa**

Local: **Peru**

Recordações e invenções se misturam na literatura de criação, de maneira frequentemente inextricável para o próprio autor, que sabe, mesmo que pretenda o contrário, que a recuperação do tempo perdido que a literatura pode realizar é sempre um simulacro, uma ficção em que o recordado se dissolve no sonhado e vice-versa.



Nome: **Pablo Neruda**

Local: **Chile**

enquanto
nós
estivermos vivos
clamaremos
por cada minuto
da realidade
mas clamaremos
pelos sonhos também:
nós
sonharemos
todos os sonhos

Canções sobre o que não se canta

Sexta-feira | 03 de outubro de 1980 | 18h00

Ora, a literatura latino-americana passa, hoje, por uma das etapas mais vitais e criadoras de sua história. Evidentemente, já não se trata de grandes nomes isolados, que sempre existiram, mas de uma primeira linha de escritores capazes de assumir sua realidade, seu contorno, e também de inscrever-se, com um estilo próprio, nas correntes que se encarregam de renovar o fato artístico. As renovações literárias europeias ou norte-americanas já não devem esperar várias décadas para chegar aos escritores da América Latina; por outro lado, como consequência indireta dessa proximidade, dessa possibilidade de ter rapidamente tudo à mão, são cada vez menos frequentes as imitações demasiadamente respeitadas e até servis.

Hoje em dia, o escritor latino-americano está em pé de igualdade com os criadores de outras terras e outras línguas, com a vantagem de estar geralmente em condições de ler textos em pelo menos uma ou duas línguas europeias. O escritor da América Latina já não imita fielmente; tem a necessária liberdade para criar, seja a partir de variações alheias, seja através de descobertas próprias, uma linguagem afortunadamente original.

Em cada poema, em cada conto, em cada romance, em cada drama existe algo mais do que o obrigatório contorno de seu autor; também está presente o resto da América Latina.

Comentários (4)



Nome: **Bartolomeu Mitre**

Local: **Argentina**

A América Latina é a parte do mundo mais pobre em escritores originais. Quando a sociedade se completa e a civilização se desenvolve, a esfera intelectual se amplia e, então, faz-se indispensável uma nova forma que concretize os diversos elementos que formam a vida desse povo maduro.



Nome: **Alejo Carpentier**

Local: **Cuba**

Pergunto-me agora se a mão do escritor pode ter uma missão mais elevada que a de definir, fixar, criticar, mostrar o mundo onde lhe calhou em sorte viver.



Nome: **Bartolomeu Mitre**

Local: **Argentina**

É por isso que gostaríamos que o romance lançasse raízes profundas no solo virgem da América. O povo ignora sua história, e seus costumes recém-formados não foram filosoficamente estudados. As ideias e os sentimentos modificados pelo modo de ser político e social não foram apresentados sob formas vivas e animadas copiadas da sociedade em que vivemos. O romance popularizaria a nossa história, lançando mão de acontecimentos da conquista, da época colonial e de lembranças da guerra da independência.



Nome: **Gabriel García Márquez**

Local: **Colômbia**

A literatura é uma arma poderosa que não deve ficar neutra na disputa poética. Conheço alguns escritores que concordam em princípio com esse ponto de vista. Mas, na prática, talvez não possam resolver mais uma aguda contradição: a que existe entre suas experiências vitais e sua formação teórica.



Mario Benedetti

Local: Uruguai